

Jornal: **Contabilidade e Empresas**

Periodicidade: **Bimestral**

Tiragem:

Data: **03/2012**

Secção: **Entrevista**

Página: **1, 6 e 7**



ENTREVISTA

• **Rui Almeida**, Administrador do Grupo Moneris

Rui Almeida, administrador do grupo Moneris

SNC implica uma melhoria qualitativa do ordenamento contabilístico



As alterações ao nível contabilístico resultam em novos desafios e oportunidades para os profissionais do setor. Mas os técnicos de contas (TOC) têm de dar um salto qualitativo para acompanharem a evolução que está em curso. Rui Almeida, administrador do grupo Moneris, lamenta, no entanto, que se verifique uma canibalização no mercado de prestadores de serviços. A concorrência é excessiva, com as margens cada vez mais curtas e, não raras vezes, a qualidade fica em causa.

Contabilidade & Empresas – Como encara a contabilidade no nosso país?

Rui Almeida – O Sistema de Normalização Contabilística (SNC) procedeu à alteração estrutural do ordenamento contabilístico nacional, adaptando-o às normas internacionais de contabilidade. Com a aplicação deste normativo assistiu-se a uma melhoria qualitativa e do nível de transparência do ordenamento fiscal e contabilístico nacionais. O SNC representa um instrumento conducente à modernidade e competitividade da economia portuguesa e não um entrave como sucedia com o Plano Oficial de Contabilidade.

O SNC é um modelo baseado em princípios e não em regras, à semelhança dos demais modelos anglo-saxónicos, por oposição à tradição da escola francesa de contabilidade, herança pesada que o POC teimava em não conseguir largar, não obstante as directrizes contabilísticas que mais recentemente arejavam o defunto normativo contabilístico. Significa isto que o raciocínio concetual das questões contabilísticas se sobrepõe, neste novo modelo, aos aspetos formais e mecanicistas de classificação de documentos e de codificação.

CE – Portanto, há vantagens claras?

RA – Para termos um mercado financeiro europeu capaz de competir com os maiores mercados mundiais, a UE terá, necessariamente, de ter normas de relato financeiro comuns em todos os seus mercados. É essencial garantir a comparabilidade nas decisões de investimento e, portanto, essa comparabilidade assegura-se com a existência de padrões de reconhecimento, mensuração, apresentação e divulgação que sejam comuns às empresas – dentro desse mercado – independentemente da sua atividade ou do seu negócio. É essencial criar condições de comparabilidade para os investidores globais, não só no seio do espaço europeu, mas também para todos que aqui poderão realizar os seus investimentos. Não é pois pela contabilidade portuguesa, uma vez que esse passo fundamental se encontra dado, que Portugal deixará de dar o seu contributo para um mercado financeiro europeu mais forte e coeso.

CE – Considera que a regulação no setor financeiro não correu da melhor forma?

RA – O setor bancário esteve entregue a autoregula-

ção durante muito tempo, com uma atitude claramente complacente por parte do Banco de Portugal, entidade supervisora e à qual estava acometida a função de fiscalização e regulação do setor financeiro. Hoje há um reforço da ação de supervisão por parte do Banco de Portugal e uma regulação mais efetiva, sendo certo que este reforço também nos está a ser imposto pelas instituições europeias, enquadrado no próprio memorando de entendimento assinado com a “troika”. Foi publicada legislação que prevê a possibilidade de intervenção do Banco de Portugal se uma instituição apresentar um nível de fundos próprios core tier 1 inferior ao mínimo estabelecido, podendo levar a que o banco central possa nomear uma administração provisória para a instituição de crédito que estiver em incumprimento. Estão a ser criados os instrumentos e a serem dados os meios que permitam ao BdP o exercício de uma ação de regulação e supervisão consentânea com aquilo que lhe é exigível no atual contexto. Afinal, a regulação e a supervisão bancárias são as verdadeiras e mais importantes funções do Banco de Portugal.

Novos desafios e oportunidades

CE – Significa que os profissionais têm perante si uma nova realidade...

RA – As recentes alterações traduzem-se num desafio (e oportunidades) para os profissionais da área da contabilidade e departamentos financeiros. Isto é, a informação produzida pelos TOC e gabinetes de contabilidade tem de dar um salto qualitativo, produzindo informação para o empresário/decisor económico que seja mais relevante e condizente com as práticas internacionalmente aceites. Dos novos desafios que surgiram, alguns ainda não foram totalmente ultrapassados. É obrigatório que se proceda a uma alteração da cultura contabilística nacional – a alteração da visão da contabilidade como mero veículo de cumprimento das obrigações fiscais –, sendo igualmente imprescindível a aprendizagem para a correta leitura da nova informação financeira fornecida. Julgo que muitos TOC, gabinetes de contabilidade e, sobretudo, empresários ainda não responderam de forma positiva a este desafio.

CE – O que está então por fazer?

RA – A cultura contabilística existente em Portugal terá de se alterar para que se possam adotar os normativos internacionais na sua plenitude. Exige-se uma alteração significativa na visão que a administração, os gestores e os

Nova realidade

As recentes alterações traduzem-se num desafio (e oportunidades) para os profissionais da área da contabilidade e departamentos financeiros.

profissionais têm da contabilidade, deixando a informação de ser apresentada numa ótica de registo de operações para efeitos fiscais para estar ligada à estratégia da empresa, nomeadamente aos mercados, investimentos, produtos e serviços. É necessário alterar a visão da contabilidade. Até aqui era, por muitos, encarada como uma imposição para assegurar o cumprimento das obrigações fiscais. Os profissionais da contabilidade e os agentes económicos, em geral, terão de passar a entender a contabilidade como um instrumento que permite medir o desempenho das empresas.

CE – Como opera o grupo Moneris no mercado?

RA – O grupo é um prestador de serviços de contabilidade e consultadoria, que pretende responder, de forma integrada, às necessidades das empresas, dos empresários e empreendedores. Contamos com 300 colaboradores em 22 escritórios espalhados por todo o país. A rede de profissionais nas áreas da contabilidade, da fiscalidade, da gestão de recursos humanos, consultadoria e apoio à gestão, bem como aconselhamento financeiro, permite-nos ter um conjunto de valências e de conhecimentos no panorama nacional da prestação de serviços de outsourcing. Temos um conjunto de profissionais com formação nas mais diversas áreas, os quais se organizam por centros de competências, tendo em vista maximizar o valor entregue aos clientes e dar uma resposta adequada aos desafios e às necessidades que se colocam perante os seus projetos e negócios. O grupo Moneris presta serviços a mais de 4500 empresas, desde micro e PME, até algumas das maiores empresas nacionais e internacionais a atuarem nos diferentes mercados.

Existem, na nossa empresa, desafios internos e de uniformização de processos, de homogeneização de competências e de melhoria contínua de aprendizagens e conhecimentos. Procuramos, a cada momento, contrariar internamente as características de um país macrocefalo, em que os centros de decisão se encontram concentrados em Lisboa e no Porto e, por consequência, grande parte dos centros de conhecimento, dos desafios e das oportunidades.